

# COMUNICAÇÃO INFORMAL DO CORPO DOCENTE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

Maria das Graças Targino M. Guedes\*

## RESUMO

GUEDES, M. das G. Targino M. Comunicação informal do Corpo Docente da Universidade Federal do Piauí.

**Trans-in-formação**, 5(1,2,3): -, 1993

Considerando-se o compromisso do professor universitário com a geração e difusão do conhecimento científico objetiva-se analisar o processo de comunicação informal entre os docentes da "Universidade Federal do Piauí (UFPI)". Isto porque acredita-se que a maioria desses docentes prioriza seu processo anterior de ensino formal, em detrimento da educação continuada, o que lhes impossibilita a associação entre os diversos acontecimentos mundiais e o avanço do seu ramo específico do saber, comprometendo o crescimento intelectual de toda a comunidade acadêmica e a divulgação da ciência. Para tanto, aplicou-se, em março de 1994, questionário misto a 200 (20%) dos professores, independente de sua área de atuação, para análise de pontos básicos: hábitos de obtenção de informação; influência recebida por profissionais, associações científicas e publicações; hábitos de uso e frequência a bibliotecas e centros de documentação; procedimentos sistemáticos para elaboração das bibliografias indicadas ao corpo docente.

**Palavras-chave:** Comunicação Informal, Comunicação Científica.

---

(\*) Professora do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Piauí.

## 1. INTRODUÇÃO

Considerada por muitos, como não-criativa, secundarizada, autoritária e corporativista, a universidade brasileira contemporânea, teoricamente, continua sendo a instituição que visa ao ensino, à pesquisa e extensão, sendo a produção de novos conhecimentos seu objetivo maior. Assim, em uma época em que todas as esferas do sistema produtivo são regidas pela imperiosa lógica da qualidade e da produtividade, é oportuno discutir o papel do professor universitário no mundo atual, com ênfase para os mecanismos utilizados em suas relações de trabalho, com vistas à formação continuada.

Isto porque durante séculos, o trabalho intelectual foi considerado algo de conotação sobre-humana. Somente com pensadores contemporâneos como Marx e Gramsci é que tal visão foi desmistificada. Para Marx, todos os homens são intelectuais já que a capacidade de raciocinar é exclusiva do gênero humano. Gramsci admite que existem diferentes graus de inteligência, mas é incisivo quanto à concepção de que somente os homens podem exercer o papel de pensador.

A partir de então, ampliou-se o conceito de intelectual, antes restrito aos grandes pensadores, tais como filósofos e cientistas *stricto sensu*. Hoje, esse papel é atribuído ao artista, ao político, ao técnico, ao jornalista, ao professor, ao bibliotecário, ao empresário, ao líder religioso, sindical etc., corroborando Mostafa, Maranon (1993, p. 23), para quem "*Todos, por intermédio da palavra, das imagens e das idéias, exercem uma função intelectual...*". Essa tendência de generalização da aceção de trabalho intelectual foi alterada com a reorientação do cenário econômico internacional desencadeada após a II Guerra Mundial. Como consequência da nova lógica econômica, os pensadores foram transformados em assalariados, no interior das academias e instituições de pesquisa, sem a nítida conotação política protagonizada pelo pensamento gramsciano.

Nova reorientação da economia, engendrada a partir dos anos 60, e o consequente desencadeamento de uma ordem social dita *pós-moderna*, trouxe à tona, mais uma vez, a generalização da mão-de-obra de caráter intelectual no cenário mundial. Tanto é que os economistas criaram um novo setor do sistema produtivo: o quaternário, incorporando as atividades relacionadas com a indústria

da informação ou do conhecimento - imprensa, bibliotecas, institutos de pesquisa, bancos de dados, sistema educacional e instituições similares. O pesquisador, o cientista, o docente, o profissional da indústria da informação, como qualquer trabalhador, estão sujeitos às transformações sociais e econômicas de seu mundo e tempo. Nesse contexto incerto, de trânsito, de passagem, um desafio permanente e de grande relevância para essa categoria do sistema produtivo atual é o da comunicação, da atualização, do intercâmbio profissional, independente do campo de atuação.

Considerando tais questões e acreditando que os resultados desta investigação favorecem o repensar da universidade, mediante maior preocupação quanto à atualização profissional do seu corpo docente, **objetiva-se**, em termos amplos, **analisar o processo de comunicação informal entre os docentes da "Universidade Federal do Piauí (UFPI)", independente da sua lotação nos seis centros de ensino** - Centro de Ciências Agrárias (CCA); Centro de Ciências da Educação (CCE); Centro de Ciências da Natureza (CCN); Centro de Ciências da Saúde (CCS); Centro de Ciências Humanas e Letras (CCHL); Centro de Tecnologia (CT).

Tal análise pressupõe identificar (a) **hábitos de obtenção de informação**; (b) **influência recebida por esses docentes, em seu contato permanente com outros profissionais, associações científicas e publicações**; (c) **hábitos de uso e frequência a bibliotecas e centros de documentação**; (d) **procedimentos sistemáticos para elaboração das bibliografias indicadas ao corpo docente**. Até porque pressupõe-se que a maioria dos docentes da UFPI não valoriza devidamente o processo de comunicação informal, priorizando seu processo anterior de ensino formal em detrimento da educação continuada, o que lhes impossibilita a associação e contextualização entre os diversos acontecimentos mundiais e o avanço científico e tecnológico do seu ramo específico do saber, comprometendo o crescimento intelectual de toda a comunidade acadêmica.

Para a consecução do proposto, recorreu-se à **amostragem probabilística casual simples estratificada com partilha proporcional** entre os seis Centros, totalizando 200 docentes, cerca de 20% do universo. Questionário misto contendo 24 questões

referentes à caracterização dos respondentes e às variáveis a serem estudadas foi aplicado, após pré-teste, entre 21 a 31 de março de 1994, nos três turnos, pelos alunos da disciplina: "Estudo Orientado de Pesquisa em Comunicação."

## 2. COMUNICAÇÃO INFORMAL E PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Como membro de uma **sociedade global**, o pesquisador (aqui incorporando o docente universitário, por sua múltipla função) é uma das principais vítimas da síndrome da *ansiedade de informação*, típica da época pós-moderna. A cada quatro anos, triplica-se o volume de informação emitida no mundo. No campo específico da literatura técnico-científica, o volume dobra a cada 10-15 anos. O acesso a essas publicações é o ponto nevrálgico da questão, mormente nos países periféricos, face ao alto custo de material bibliográfico e à falta de incentivos à pesquisa. Assim, mesmo quando se fala do avanço da comunicação telemática interativa, ao lado de sistemas antigos e modernos de comunicação, como a comunicação oral, a comunicação baseada na educação formal, a comunicação audiovisual de massas, o desafio à informação, tanto para quem a produz, como para quem a consome, persiste, diante dos itens - **custos, tempo e fontes**.

Entretanto, concebendo a atualização como fator básico à qualidade do ensino, da pesquisa e ao desempenho de qualquer profissional, é fundamental o permanente esforço na busca contínua de informação. Neste sentido, uma das alternativas apontadas por estudiosos como Araújo (1979), Clair (1989), Ellis et al. (1993), Gracy II (1988); Gusmão (1987), Kremer (1982), Lyon (1986), Palmer (1991a, 1991b) é a **comunicação informal** entre cientistas/pesquisadores e docentes universitários. Esta consiste na utilização dos canais informais de comunicação, em que a transferência da informação ocorre via contatos interpessoais, através da **comunicação oral** - conversas, telefonemas etc.; da **comunicação escrita** - cartas, fax, redes eletrônicas (a exemplo da Internet e BITNET); e de quaisquer outros recursos *destituídos de formalismo*, dentro e fora da organização, como reuniões científicas ou associações do *tipo colégios invisíveis*, clubes profissionais.

O processo de comunicação informal relaciona-se com o formal, ambos essenciais à apreensão do conhecimento - **soma renovada de mensagens que atualizam a sociedade no espaço e a perpetua no tempo**, Christovão (1979), porém, destaca que, apesar do maior interesse, atualmente, da comunidade científica pelo sistema informal, este não é recente e antecede à comunicação formal. Contesta, ainda, o equívoco de se atribuir sua ascensão às imperfeições do sistema de comunicação formal. A comunicação informal não pretende substituir ou excluir os canais convencionais. Seu fortalecimento decorre da demanda inerente à ciência moderna: rápida e acurada comunicação.

Isto é possível porque as informações repassadas pelo sistema informal revestem-se de maior rapidez e redundância. Uma carta, um telefonema, por exemplo, atingem com mais rapidez seu objetivo do que a edição dos resultados de pesquisa. Ademais, são trocadas entre aqueles que, reconhecidamente, mantêm interesse por um tema específico, ocorrendo que

*"... até que a nova peça do quebra-cabeças seja colocada, o grupo (ou grupos) de mesmo interesse está refletindo sobre basicamente os mesmos problemas na busca de soluções. A este nível, a informação ainda não sofreu 'filtragens', as quais se processam (...), à medida que flui na escala informal [para a] formal. Assim, as comunicações em congresso guardam características informais na sua forma de apresentação oral e nos debates que podem acarretar, e guardam características formais na sua divulgação, através de cópias ou anais" (Christovão, 1979, p. 5).*

Desse modo, percebe-se que, ao tempo em que há nítidas distinções entre os dois sistemas, estes se inter-relacionam, ocorrendo uma espécie de gradação do nível informal para o formal, quando transmissores e receptores estão nitidamente estabelecidos, como também, os canais organizacionais de transmissão de informações.

A categorização de fontes em primárias, secundárias e terciárias, detalhada pelo autor supracitado, é típico do sistema formal de comunicação, o que não relega a um plano inferior o fluxo imediato e informal de comunicação. É que os cientistas, para difusão de suas pesquisas, sobretudo os resultados parciais, não escolhem, de imediato, os meios convencionais, como periódicos especializados

ou livros. São cada vez mais freqüentes as pré-edições (preprints), as versões provisórias (prepapers) e as comunicações em congressos, publicadas ou não. Nessa fase inicial - informal-, divulgam-se trabalhos em andamento, possibilitando uma discussão aprofundada e crítica entre os pares, o que conduz a modificações ou confirmações do teor original.

Por outro lado, a comunicação informal não é privilégio de nenhuma área específica do conhecimento, constituindo-se aliada indispensável à produção científica em sua ampla acepção. Afinal, "*os cientistas conversam uns com os outros, lêem reciprocamente seus trabalhos e acima de tudo, publicam trabalhos científicos, seu principal produto tangível*" (Araújo, 1979, p. 82). Um estudo de Kremer (1982) evidencia a importância dada às fontes não convencionais por parte de **engenheiros**. Araújo (1979) mostra a relevância dos canais informais de comunicação técnico-científica nos laboratórios "de **pesquisa e desenvolvimento (P&D)**", no que diz respeito à atuação dos mesmos sobre os processos de inovação e de transferência de tecnologia. Outros trabalhos apontam a existência de intensos fluxos de comunicação informal entre pesquisadores do **campo agrícola** (Hoyos, 1979; Palmer, 1991b) e de **saúde** (Gusmão, Breglia apud Gusmão, 1987), confirmando a idéia de que é procedimento adotado nos vários ramos da produção científica

Como salientam Araújo (1979) e Palmer (1991 a), o processo de informação é a essência do trabalho científico. Cada pesquisador é simultaneamente produtor e consumidor de informação. Logo, trata-se de alguém naturalmente inclinado ao intercâmbio de dados. Hoyos (1979, p. 2) chega a comparar o pesquisador a um computador com uma série de entradas de dados e fatos, saídas e retroalimentação, visto se tratar de um processador de informações em busca de conhecimento. Nessa perspectiva, a produção científica está bastante "*... influenciada pelas etapas de entradas ao sistema, entre as quais exerce função definitiva a informação que o pesquisador tenha a seu dispor...*".

Esse processo, envolvendo *inputs, outputs e feedback*, interfere diretamente na comunicabilidade da ciência. Para o avanço científico e tecnológico, é necessário que seja ela exercitada, antes de tudo, no próprio dinamismo interno da ciência, ou seja, no processo de comunicação científica entre os pares (Christovão, 1979), com a ressalva de que tal processo é afetado por fatores diversificados, a

começar pelos condicionamentos por que passa o comportamento comunicacional de cada pesquisador.

Hoyos 1979) categoriza tais fatores em **personais e situacionais**. Os primeiros referem-se ao (a) **treinamento e experiência** - profissão/especialização; natureza do trabalho; experiência no tratamento da informação ; (b) **status social e demográfico**; (c) **atitudes**; (d) **personalidade**; (e) **estilo de atuação**. Os situacionais tratam da (a) **natureza da necessidade** - função que exerce; classe de informação; precisão, especificidade, complexidade; urgência; (b) **projeto em que atua** - natureza do trabalho e estágio de desenvolvimento do projeto; (c) **ambiente de trabalho** - estrutura organizacional; reconhecimento/ controle; fontes; prestígio do lugar; instituição patrocinadora; (d) **fontes**; (e) **comunicação entre pares**.

Há outros fatores intervenientes no comportamento do pesquisador no processo de comunicação, tais como a exposição, o uso e a produção de informação técnico-científica; incentivos; reuniões científicas, treinamentos; domínio de outros idiomas; hábitos e habilidades pessoais, entre as quais, a criatividade, lembrada por Palmer (1991a).

### **Comunicação informal: vantagens e desvantagens**

Sem dúvida, os contatos informais constituem alternativas e estratégias para lidar com a crescente avalanche de novos dados. Para Gusmão (1987), sua grande vantagem é a possibilidade de maior **atualização, rapidez**, e, portanto, de **menor custo**, graças ao curto espaço de tempo no processamento da transmissão. Propicia, também, **maior garantia à autoria**, em uma época em que o lema "publish or perish", ao mesmo tempo que serve de estímulo, acarreta maior número de fraudes, embustes, forjando pseudo-autores, mais interessados em ascensão funcional ou prestígio do que em um produção científica de qualidade.

Outrossim, por ser **mais concentrada e pertinente aos interesses dos participantes**, torna-se mais relevante do que a formal. Esta pode perder-se, misturar-se ou ser confundida com dados secundários. Também a comunicação informal é mais flexível do que a formal, tendo maior **dinamicidade e fluidez**, o que permite obter mais informações, em contraposição ao que ocorre por vias formais. Ademais, recebe **controle direto** dos usuários, enquanto a formal é controlada, exclusivamente, por especialistas.

Para Sridhar (1988), a primazia da comunicação informal sobre a formal é evidente entre engenheiros e tecnólogos, registrando 70% dos casos de idéias e projetos de pesquisa no setor tecnológico americano como emergentes de contatos pessoais e por eles fortalecidos. Primeiro, porque a informação demandada no cotidiano refere-se, quase sempre, a detalhes relativos a procedimentos, quando o contato face a face é mais pertinente do que a consulta a fontes escritas. Segundo, porque o contato profissional cria laços humanos, propiciando confidências e trocas de opinião, ponto de vista também adotado por Ellis et al (1993). Há, pois, **fortalecimento do espírito de grupo**, por meio da interação entre os indivíduos.

A comunicação informal não é apenas um meio ágil de atualização, mas também, um meio de prover informações úteis para o trabalho do dia-a-dia. Pruthi, Nagpaul (1978) e Sridhar (1988) destacam que, nos Estados Unidos, nos anos 70, os profissionais de pesquisa recebiam mais de 55% das informações técnicas de uso diário por meio de contatos informais. Afirmam ainda que a comunicação informal, na comunidade científica americana, é responsável pela solução de um terço dos problemas técnicos e em mesma proporção, pela geração de novas idéias. De fato, figura como instrumento indispensável à formação continuada do pesquisador e do docente, conforme constata Clair (1989), apontando para a perspectiva da interdisciplinaridade, com o adendo de que, como demonstrado por Ellis et al. (1993), apesar do desenvolvimento tecnológico no campo da informação e da comunicação eletrônica com a proliferação das bibliotecas virtuais, os contatos pessoais entre cientistas persistem como instância essencial às suas atividades.

Quanto às desvantagens, Gusmão (1987) cita as questões referentes à **armazenagem e recuperação** da informação, **acesso e disseminação**. Enquanto a comunicação formal é facilmente armazenada e de rápida recuperação, a informal pode perder-se em um curto espaço de tempo. O acesso, por ser restrito limitado, torna-se elitista e fechado. Em conseqüência, a disseminação torna-se exclusivista, como no caso dos *colégios invisíveis*, em que a seleção dos membros segue critérios rigorosos, como número elevado de trabalhos publicados em periódicos nacionais e internacionais e domínio de línguas estrangeiras. Já Christovão (1979) afirma que a



comunicação informal, por ser **flexível e fluida**, dificulta o seu estudo, além de permitir a **inserção de novos conhecimentos sem avaliação prévia**. Questiona, então, a forma de **controle de informações** trocadas em cartas particulares, telefonemas fax etc., e sua influência para a educação continuada do cidadão.

### A alternativa dos colégios invisíveis

Em se tratando dos *colégios invisíveis*, assim denominados a partir do século XVII, na Inglaterra, para designar um grupo de cientistas que trocava idéias, oralmente ou por correspondência, o qual deu origem à "Royal Society of London", em 1660, estes poderiam ser julgados exemplo típico da tendência de formalização da comunicação informal no meio acadêmico (Hoyos, 1980). Entretanto, é consensual entre autores, como o agora citado e Lyon (1986) de que se trata de alternativa informal para facilitar o acesso à informação entre pesquisadores e docentes. Esses grupos fechados, compostos por até cem cientistas, no máximo, dispensam institucionalização e representam a forma como os pesquisadores, **voluntariamente**, têm se organizado, com a finalidade de intercambiar conhecimentos.

A importância dos *colégios* advém da constatação de que o processo desenvolvimentista resulta de ações conjuntas, de pesquisas que envolvem diversas pessoas da mesma área ou de campos afins, superando, irremediavelmente, o trabalho individual isolado. Nos países desenvolvidos, são cada vez maiores os incentivos a esse tipo de organização, sobretudo na área da pesquisa básica, a exemplo da "American Medical Society", "The Hopkins Center", "The American Geophysical Union", entre outras.

Hoyos (1980) referenda os objetivos desses *colégios* em: (a) estimular a comunicação pessoal entre pesquisadores da mesma área; tanto em nível nacional como internacional; (b) evitar a duplicação de pesquisas similares; (c) facilitar a organização de núcleos de comunicação científica, em nível microorganizacional; (d) aproveitar a capacidade e o potencial dos cientistas mais experientes; (e) incentivar as novas gerações de pesquisadores, mediante o compartilhamento de descobertas e dados; (f) possibilitar o contato

direto, a fim de facilitar o avanço de pesquisas em andamento; (g) permitir um fluxo contínuo de transferência de informações técnico-científicas.

Nessa mesma perspectiva, Graoy II (1988) destaca o papel das associações científicas ou profissionais, muitas das quais essencialmente informais, com o fim de gerar oportunidades para o intercâmbio de idéias e contribuir para ampliar os horizontes da profissão, buscando o consenso em nível prático e teórico Ziman (apud Christovão, 1979) ao mesmo tempo que adverte para eventuais riscos de formalização excessiva do processo de comunicação formal, define congressos e reuniões científicas como um dos canais mais expressivos da divulgação não-convencional de resultados e de intercambio informal entre pesquisadores.

### 3. UNIVERSIDADE E DOCENTES NO CIRCUITO DA INFORMAÇÃO

Se todos os profissionais contemporâneos enfrentam os desafios da *sociedade do conhecimento*, para os docentes, a situação é mais séria, principalmente, para aqueles que se situam na esfera do ensino superior, face ao papel fundamental da universidade na produção e difusão do saber. Às "Instituições de Ensino Superior (IES)" constituem instâncias básicas da chamada cultura da informação, inclusive para refletir sobre o significado, a relevância e o impacto dessa cultura no contexto social amplo, questões-chave no mundo hodierno, já que a *société à documenter* provoca modificações até nos sistemas de produção e na infra-estrutura das sociedades atuais, como proclama Paré (1992).

Para esse estudioso, uma das esferas que tem passado por significativas alterações diante da evolução tecnológica inerente ao progresso da sociedade da informação é a da educação e cultura, o que impulsiona novas demandas e novos desafios quanto à solução dos problemas emergentes. Dentre esses desafios, no âmbito da educação, está o da **formação permanente**, pois há relação indissociável entre eficiência profissional e educação continuada. Esta, na visão de Conway (1993), visa a propiciar maior participação

dos profissionais em sua área, permitindo contínuo crescimento pessoal, desde que favorece a aquisição de novos conhecimentos, habilidades e atitudes, aperfeiçoa o desempenho profissional e, portanto, contribui para a melhoria das instituições. Isto permite inferir que a educação continuada interessa ao indivíduo e às organizações, visto que ambos são beneficiados.

Fauré (1992), por sua vez, além de discorrer sobre a dificuldade de acesso às fontes, diante da explosão bibliográfica contemporânea, aponta a **especialização/superespecialização** como um dos graves desafios deste final de século. Este corresponde à capacidade ou não de romper as barreiras de hermeticidade dos conceitos e jargões especializados, no contexto de uma cultura científica ampla e da comunicação-interprofissional, dentro da perspectiva de que o futuro pertence aos profissionais que combinarem conhecimento específico com uma ampla e sólida formação generalista.

Quanto à questão específica do ensino universitário brasileiro, o que se vê é que a universidade, ainda que inserida em uma *sociedade do conhecimento* e em uma cultura da informação, exerce um papel cada vez mais limitado no cenário nacional. Primeiro, sua instalação tardia, somente nos anos 40. Depois, seu distanciamento da sociedade e proximidade do capital internacional e da elite nacional, mesmo em meio ao processo de democratização do ensino de 3º grau e à pretensa popularização do conhecimento. Talvez, mais ainda, neste momento, quando emergem tendências para sua privatização, baseadas em questionamentos acerca do retorno ao cidadão comum que financia as universidades; do imperativo de racionalizar sua administração; de maior eficiência e eficácia; de necessidade de permanente avaliação de produtividade.

Em decorrência do declínio avassalador do ensino em **todos os níveis**, a mídia passou a ocupar lugar de destaque, ultrapassando a própria escola. A televisão, principalmente, com audiência diária de, aproximadamente, 90% da população, tornou-se o veículo hegemônico da sociedade da informação, no Brasil, papel que deveria caber às IES, cada vez mais, decadentes e desacreditadas. Isto é grave, porque, sem negar a força da comunicação mediática, esta está mais interessada em alcançar um público maior do que em propiciar um entendimento global e profundo dos eventos e fatos levados a público (Altheide, 1990).

Essa crise afeta todos os aspectos da vida universitária, pois as *academias do saber* estão controladas por leis obsoletas e inadequadas, cerceando sua autonomia política, pedagógica e financeira e impedindo a transparência administrativa, o que intensifica seu isolacionismo e compromete sua credibilidade. Sem contar com o fato de que muitos dos docentes não possuem qualificação ou disposição e prazer de ensinar, "...por absoluta falta de condições materiais e, até, psicológicas. Suas preocupações estão voltadas para a sobrevivência" (Targino, Magalhães, 1993, p. 30).

Diante do exposto, é fácil deduzir os dilemas do professor universitário para manter-se atualizado, informado, reciclado e integrado aos fluxos de geração e difusão da informação, em nível acadêmico e social, em nível institucional, regional, nacional e internacional. Enfim, urge investigar como esse profissional vence tantas barreiras e que alternativas adota para solucionar tais problemas.

#### 4. PERFIL DO CORPO DOCENTE

Dentre os entrevistados, predomina o **sexo masculino** (54%) em relação a 46% do sexo feminino. Positivo, diante do argumento de Hoyos (1979, p. 9) de que "...é precisamente após a idade de 35 anos, quando a maioria dos pesquisadores começa a dar suas melhores contribuições nos campos técnico-científicos," prevalecem as faixas etárias de 40 a 44 anos e de 35 a 39, com os percentuais respectivos de 31.5 e 19.5, seguidas dos intervalos de 45 a 49 (16.5%) e de 30 a 34 anos (12.5%). Registram-se duas coincidências de 9.5%, para os intervalos de 25 a 29 e de 50 anos ou mais; e de 0.5%, para o número de abstenção e para aqueles com 20 a 24 anos de idade.

Quanto ao **tempo de serviço** na UFPI, é animador observar que somente cinco mestres exercem suas funções há menos de um ano e 11, há mais de 20, pois os professores iniciantes e os que estão *em fim de carreira*, em geral, são os menos produtivos. A maior parte tem de um a quatro anos de serviço (21%), seguida de perto por aqueles com 13 a 15 (19.5%); 16 a 20 (18.5%) e 9 a 12 anos (16%). O total de 13% tem de cinco a oito anos "de casa", registrando-se 4% de abstenção. Em relação à **classe e nível**, como está na **TABELA 1**, a maioria é Professor Adjunto IV o que, em comparação com o tempo de serviço de maior incidência revela que a ascensão profissional pode estar acontecendo de forma veloz ou não criteriosa.

TABELA 1 - Classe e nível dos docentes

CLASSE	AUXILIAR				ASSISTENTE				ADJUNTO				TITULAR	TOTAL
	I	II	III	IV	I	II	III	IV	I	II	III	IV		
N	35	13	6	3	18	10	4	19	8	14	14	51	5	200
%	17,50	6,50	3,00	1,50	9,00	5,00	2,00	9,50	4,00	7,00	7,00	25,50	2,50	100

Acrescenta-se a tais dados, a constatação de 79% são professores em regime de "Dedicação Exclusiva (DE)" e 13.5%, "Tempo Integral (TI)", contra apenas 7.5%, em "Tempo Parcial (TP)". Como decorrência, só 39 dos 200 docentes admitem manter alguma **ocupação além da Universidade**, com ênfase para o pessoal da área de saúde (50%), com consultórios médicos, odontológicos; clínicas médicas, odontológicas, veterinárias; laboratórios; serviços de enfermagem etc.

Mesmo assim, quando questionados sobre a **atividade desempenhada na UFPI**, 27% dos depoentes selecionaram **SÓ ENSINO**, reiterando Jacoby (apud Mostafa, Maranon, 1993, p. 23) ao lamentar a mutação dos intelectuais em acadêmicos assalariados e alienados, "... *quase todos apenas professores. Os campi são seus lugares; os colegas sua audiência...*" Enquanto isto, 21% estão em ensino e administração; 19% ensino e pesquisa; 15.5%, ensino, pesquisa e administração; coincidentemente, 6%, ensino e extensão e, também, **ensino, pesquisa e extensão**. Registram-se outras combinações, com destaque para os movimentos associativos e sindicais. Porém, o surpreendente é este último índice e o número dos que se dedicam, exclusivamente, ao ensino, pois mostram o quanto, no dia-a-dia, os docentes afastam-se da tríplice função das IES, sustentada teoricamente. Tudo, enfim, corrobora Targino, Magalhães (1993, p. 29-30), ao denunciarem a situação das universidades, salvo raras exceções,

*"... falidas, administrativa e eticamente, arraigadas em atitudes corporativistas, distanciadas do sistema produtivo e deficientes em sua capacidade de iniciativa (...). Não há extensão, quase não há pesquisa e o ensino se arrasta muito mais como obrigação do que como um compromisso de produzir conhecimento".*

Reconhecidamente, os **pós-graduados são os que possuem melhores condições para incrementar o intercâmbio científico**, com a ressalva de que o *diploma* por si só não é suficiente. Urge a atualização dos conhecimentos, através da documentação científica e do contato sistemático com colegas da mesma área ou afins. No caso da UFPI, nenhum dos depoentes tem pós-doutorado completo ou incompleto e tão-somente 3%, doutorado concluído. Reforçando mais ainda o estigma da mediocridade que caracteriza as instituições de pequeno porte em contraposição aos "*centros de excelência*" do centro-sul, alcançam maior índice - 37.5% - os docentes só com especialização. Em segundo lugar, figuram os com Mestrado completo (33%) e os professores graduados chegam a

22%. Os índices de 1.5% e 3% correspondem, respectivamente, àqueles com Doutorado e Mestrado em andamento.

## 5. HÁBITOS DE OBTENÇÃO DE INFORMAÇÃO

### Fontes utilizadas

Análise acurada do **QUADRO 1** identifica as fontes utilizadas pelos docentes para obtenção de informação, as quais variam de acordo com as necessidades de informação, que por sua vez, variam dependendo do estágio de desenvolvimento da investigação científica. **Livros, manuais e folhetos NACIONAIS** prevalecem, com 129 pontos. A seguir, **revistas e jornais NACIONAIS especializados** (105) e **bibliografias em artigos, livros** etc. (102). Os livros são mais efetivos, no caso de informações mais gerais e os periódicos, informações mais específicas. Porém, em uma época, em que a informação eletrônica, a biblioteca virtual, o audiolivro ganham espaço, o apego ao livro como suporte tradicional revela falta de integração dos professores piauienses aos padrões atuais da comunicação científica internacional. Sobretudo, quando tanto os periódicos como as publicações monográficas **NACIONAIS** têm primazia, haja vista que o português não favorece tal integração, ao contrário do inglês, "*lingua oficial*" da comunidade científica.

Ainda mais, contrariando Ellis et al. (1993), Hoyos (1979) e outros, as tendências informacionais reveladas pelo professor da UFPI diferem do comportamento do pesquisador em nível mundial, o qual considera, como máxima fonte de consulta, os próprios pares. No caso ora estudado, os **contatos pessoais com especialistas e colegas** ocupam o quarto lugar (99 pontos), comprovando a interveniência dos fatores situacionais, como instituição e equipe ideais que propiciem o crescimento do pesquisador (Christovão, 1979). Ademais, em uma fase marcada pela expansão de redes eletrônicas de informação, nenhum docente citou a Internet, BITNET ou outras, o que se justifica pelo fato de que o Piauí só recentemente foi incluído como ponto de presença no âmbito da Rede Nacional de Pesquisa.

Reafirmando esses resultados, o **QUADRO 1** constata o inexpressivo uso de material estrangeiro. Dos 200 entrevistados, 116 e 96 nunca recorrem, respectivamente, a **revistas e jornais**

QUADRO 1 - Hábitos de obtenção da informação - fontes utilizadas

FONTES UTILIZADAS	SEMPRE	ÀS VEZES	RARAMENTE	NUNCA
Abstracts	24	40	38	98
Anais de congressos, seminários etc	63	81	23	33
Apostilas	52	51	32	65
Bibliografias em artigos, livros etc	102	40	12	46
Boletins informativos	46	61	26	67
Boletim técnicos	34	51	38	77
Catálogos de bibliotecas	25	35	57	83
Catálogos de livrarias/editores	44	58	30	68
Contatos pessoais com especialistas e colegas	99	51	12	38
Fitas cassetes, discos	24	50	20	106
Fotografias, eslaides	48	36	25	91
Livros, manuais e folhetos estrangeiros	49	45	30	76
Livros, manuais e folhetos nacionais	129	32	13	26
Normas técnicas	35	45	19	101
Projeto de Pesquisa	34	61	32	73
Relatórios técnicos e de pesquisa	43	57	30	70
Revisões de literatura	58	40	26	76
Revistas e jornais estrangeiros especializados	25	37	42	96
Revistas e jornais estrangeiros gerais	25	20	39	116
Revistas e jornais nacionais especializados	105	52	13	30
Revistas e jornais nacionais gerais	89	60	16	35
Teses, dissertações	48	73	34	45
Trabalhos não publicados	26	42	35	97
Vídeos, filmes	36	34	31	99
Outras	8	2	-	-



**internacionais gerais e especializados.** E se "*hoje é fácil falarmos em globalização, sociedade global, aldeia global ou rede globo*" (Mostafa, Maranon, 1993, p. 24) diante do avanço da multimídia, é inesperada, também, a pouca utilização de fitas cassetes, discos; vídeos, filmes; fotografias, eslaides. Porém mais grave é o descaso aos abstracts, que figuram como obras essenciais ao docente-pesquisador de instituições "*carentes*", como recurso mais acessível para, no mínimo, conhecer o que vem sendo editado. Além disto, como ocorreu com Kremer (1982) em estudo com engenheiros, os *preprints* e *prepapers* não são populares. Ainda que essenciais à comunicação informal, como meio eficaz de melhor produção científica, através da troca de opiniões, 97 dos pesquisadores confessam nunca os utilizarem e/ou os indicarem.

### **Títulos de periódicos**

Ainda para averiguar os hábitos informacionais dos docentes, solicitou-se a identificação dos títulos de periódicos especializados ou, não, lidos **regularmente**. Com apenas 15 abstenções, somente 17 (5.4%) dos 314 títulos arrolados são estrangeiros, a maioria destes citados por professores das áreas de saúde e agrícola, demonstrando que o pesquisador piauiense ainda não ultrapassou as fronteiras nacionais, em termos de divulgação científica.

A dispersão dos títulos, no cômputo geral e, também, por centro de ensino, é extraordinária, com permanente destaque para periódicos de caráter geral. Com exceção do CT, surpreendentemente, em **todos os demais centros**, a revista **Veja** alcança a melhor colocação, empatando no CCA, com **Istoé**. Esta, salvo no CCA, onde fica no quarto lugar, ocupa, sempre, o segundo posto. Entre os dados coletados, este é um dos mais grave. A dispersão excessiva comprova o pouco interesse na comunicação, formal ou informal. O destaque a publicações não especializadas reforça o descompromisso do professor universitário com o aprofundamento das áreas de estudo sob sua responsabilidade.

Ora, se Fauré (1992) discorre sobre a especialização como um desafio, é inegável que a informação científica e tecnológica como bem econômico, disponível para uma infinidade de usos, é fator essencial à mudança generalizada que afeta toda a economia mundial.

Admitir um docente universitário que se satisfaz com as informações repassadas por veículos destinados ao grande público, é reconhecer a falência dessa instituição como "academia do saber" e reconhecê-la como "academia do ócio ou da mediocridade".

Considerando que o comportamento de leitura do docente-pesquisador é direcionado para atender às suas necessidades específicas, ou seja, suas metas de vida, de carreira, de profissão, se tais metas são claras, planejadas e retroalimentadas, é possível que a força motivacional em relação à busca de informação mantenha-se elevada, dependendo dos alvos pretendidos,

*"...lembrando que a definição de seus alvos pode estar sendo influenciada por variáveis de sua personalidade, suas expectativas e valores, condições de trabalho, incentivos monetários como salário, participação na definição dos alvos da instituição em que atua etc."* (Giacometti, 1990, p.18).

### Associações científicas.

O intelectual acadêmico, hoje, está em toda a parte, como garantem Mostafa, Maranon (1993): na mídia, nos *papers*, nas organizações mundiais, nas associações e sociedades científicas, sempre, em busca de *feedback*, de novos *inputs*, a fim de assegurar sua educação continuada. Neste sentido, as associações científicas e profissionais são vitais ao indivíduo, gerando companheirismo, produção científica, crescimento pessoal e intelectual, de modo que para Clair (1988) e Gracy II (1988), **todos** deveriam participar dessas organizações.

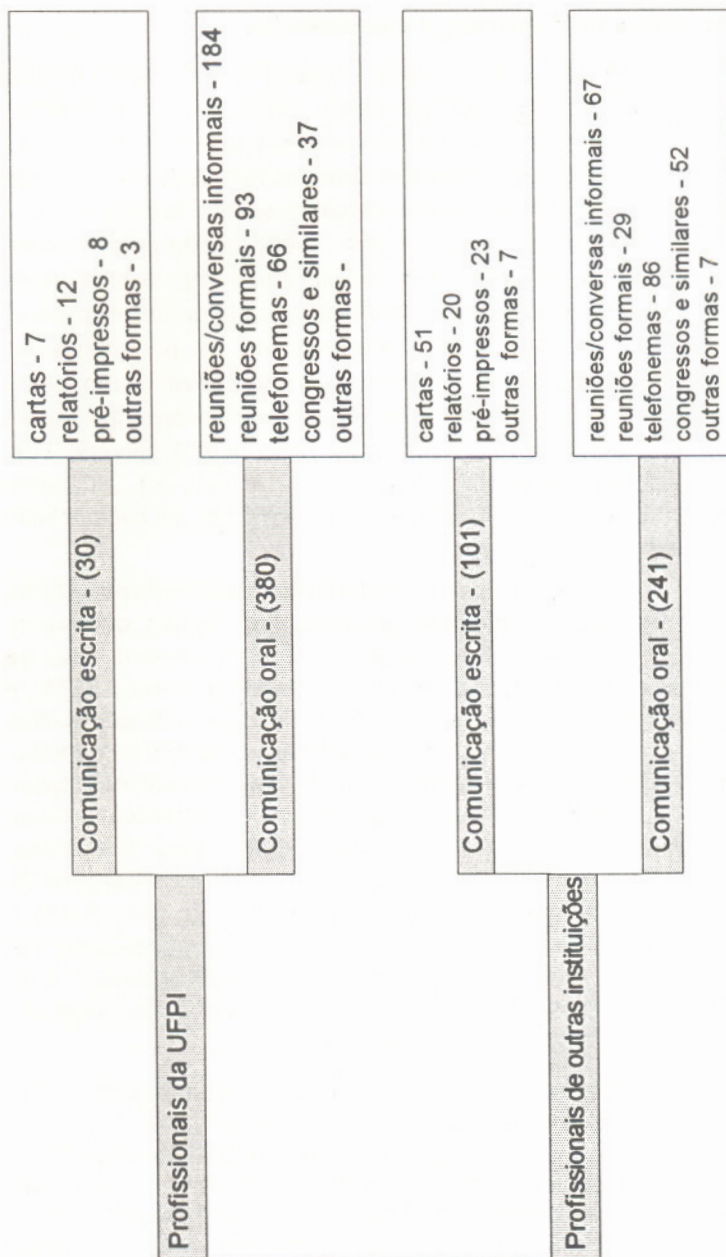
No caso da UFPI, entretanto, quando indagados sobre as sociedades ou associações científicas a que estão vinculados, **quase a metade** dos professores (48.5%) abstém-se, com destaque para o mestre que afirmou: *"...estou ausente diante de tanto corporativismo profissional"*. Os demais arrolam 87 associações, todas brasileiras, com 59 das quais lembradas uma só vez. A "Associação Brasileira de Odontologia", a "Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação" e a "Associação Piauiense de Medicina" foram as mais citadas, com 7, 6 e 5 pontos respectivos. A "Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência", a de maior expressão no cenário nacional para os vários ramos do saber, dentre os entrevistados, só tem quatro sócios.

## Influência dos profissionais e especialistas

Cientista que não mantém, em sua área de estudo, contatos informais com outros profissionais e especialistas, enfrenta maiores obstáculos no processo de busca de informação, pois são os membros dos *colégios invisíveis* que decidem sobre os rumos da investigação científica, da mesma forma como os *gatekeepers* o fazem, no setor tecnológico. Esta assertiva de Sridhar (1988), aceita pelos demais estudiosos da comunicação informal, explicita a impossibilidade do docente-pesquisador atuar, com eficiência, isoladamente, até porque, como Pruthi, Nagpaul (1978) demonstram, os pesquisadores "solitários" têm produção intelectual menos expressiva. Como as IES são burocráticas, ou seja, são formas racionais de organização do trabalho, pressupõe-se que o professor "pertence" à universidade. Esta ganhará ou perderá com o desempenho de cada um, bem como os outros colegas, e, de forma indireta, a sociedade: há socialização das perdas e ganhos.

Por tudo isto e pela insondável riqueza contida no sistema de troca entre os seres humanos, pesquisadores ou não, decorrente das inclinações pessoais diversificadas, da capacidade criativa no enfrentamento de situações e contextos distintos (Palmer, 1991a), é lamentável o isolamento dos docentes da UFPI. Dos 200 depoentes, 86 (43%) não discutem assuntos de sua área de atuação e interesse, **regularmente**, com outros profissionais da Universidade e 51% não buscam especialistas de outras entidades, ocorrendo respostas deste teor: *"Infelizmente, não tenho conseguido parceria para discussões. Parece mais fácil conseguir para execução, quando as idéias já estão prontas"*. Ademais, contrariando as expectativas de inter, trans, e multidisciplinaridade, dois dos seis centros de ensino - CT e CCA - não contactam com os demais, embora, registre-se entrosamento significativo do CCE com o CCHL (52.2%) e do CCHL com outros três centros, mormente com o CCN (10.8%).

Na realidade ora discutida, outra prova da fragilidade dos colégios invisíveis e da comunicação informal, em geral, é que, em ambas as questões - **contato sistemático com colegas da UFPI e de outras instituições congêneres** - não ocorre, nem no **cômputo global**, nem por área de conhecimento, concentração significativa de nomes. Ou seja, não há docentes que, a exemplo dos *gatekeepers* tecnológicos, atuem como pólos de comunicação (Gusmão, 1987) ou



**FIGURA 1** - Forma de contato dos docentes da UFPI com outros profissionais

*key persons*, desempenhando, por suas características pessoais, como a liderança e por sua competência, papel relevante na rede de comunicações: um só mestre (do CCHL) é citado o máximo de quatro vezes pelos pares, o que corresponde a 7.2%.

- Quanto aos especialistas de outros órgãos, **TODOS** - profissionais e entidades - são nacionais, comprovando, como fez Hoyos (1979), que os pesquisadores brasileiros (e piauienses, mais restritamente), **grosso modo**, pouco conhecem os trabalhos internacionais. A maior parte das instituições lembradas está no centro-sul, reiterando as idiosincrasias regionais e a relevância dos grandes centros (Clair, 1989), mas, inesperadamente, dentre as nordestinas, preponderam as locais. Por fim, a **FIGURA 1** detalha as formas de contato, comprovando a relevância da comunicação oral, como o fez Lyon (1986).

## 6. HÁBITOS DE FREQUÊNCIA A BIBLIOTECAS E CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO

### Frequência às bibliotecas da UFI

Como Pruthi, Nagpaul (1978) detalham, os sistemas de recuperação da informação, através de bibliotecas e congêneres integram a comunicação formal. Mesmo assim, diante da hipótese de que os professores da UFPI, em sua maioria, não valorizam a comunicação informal, é preciso observar-se, pelo menos, reconhecem o valor dessas instituições no processo de transferência de conhecimento e custódia dos registros produzidos pela humanidade. Assim, ainda que esta variável meça o interesse dos docentes, 65.5% dos respondentes afirmam utilizar as bibliotecas do "Sistema de Bibliotecas da UFPI (SIBI)" apenas eventualmente e 5%, jamais. A frequência semanal é de 10.5%; a mensal, 8%; a quinzenal, 7% e a diária somente 4%. E, talvez, devido às condições climáticas do Piauí, o turno de maior procura é o da manhã (48%). A seguir, tarde (28%) e, por fim, noite (4%), embora 11% dos docentes tenham dito que este fator é indiferente e 9% tenham se omitido.

Dentre as bibliotecas mais freqüentadas, como natural, estão as que compõem o SIBI, em nível local, nesta ordem: Biblioteca Central (130 pontos); Biblioteca Setorial do CCHL (58); Biblioteca

Setorial do CCS (34); Biblioteca Setorial do CCE (30) e Biblioteca Setorial do CCA (21). Ademais, 17 pesquisados falam de "*bibliotecas setoriais*" "*inexistentes oficialmente*", o que, contrariando as expectativas atuais de bibliotecas centrais consolidadas, denuncia a tendência vigente, no caso da Universidade estudada, de fragmentação de acervos, visando tão somente à comodidade dos usuários, em detrimento da melhoria das coleções e serviços.

Também é inesperado a ênfase dada às bibliotecas particulares, por 16 mestres. Isto exige cautela, quanto à eficiência, em termos de quantidade, qualidade e atualidade da coleção. Como reafirmam Targino, Magalhães (1993), o docente universitário luta para sobreviver. Diante do alto custo do material bibliográfico, mormente revistas científicas, principal fonte de veiculação da ciência, é pouco provável, com raras exceções, que essas bibliotecas favoreçam buscas aprofundadas e atualizadas (Giacometti, 1990).

Quanto às outras 43 bibliotecas brasileiras/piauienses arroladas, salvo a Biblioteca Pública do Estado, o Arquivo Público do Estado, a Biblioteca Municipal de Teresina e a Biblioteca da "Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - UEPAE/Teresina" (todas em Teresina - PI), com sete, seis, cinco e quatro menções respectivas, as demais foram lembradas por dois ou um só professor.

### Finalidades de uso das bibliotecas

**Consulta e empréstimo** continuam como os serviços mais comuns em bibliotecas e centros de documentação. Por isto, independente de 31 abstenções, 32.7% e 19.7% dos docentes citam, respectivamente, essas atividades como motivo básico de sua ida às bibliotecas, com o adendo de que 23.3% vão em busca de conhecer as novas aquisições. Para 9.7%, a finalidade maior é a fotocópia de material; para 8.8%, a comutação bibliográfica, levantamentos bibliográficos e similares; para 1.8%, solicitação de compra de publicações e outros fins.

Quando do uso das bibliotecas, muitos depoentes (29,3%) buscam a informação pretendida, **diretamente nas estantes**. Em contrapartida, 22,2% consultam catálogos; 19.7%, bibliotecários; 19.2%, auxiliares de biblioteca; 8.2%, as chefias e 1.4%, preferem não opinar. Tais dados evidenciam pouco contato entre os profissionais de informação e usuários, o que revela certa autonomia dos professores, mas também, possível falta de sintonia entre os dois

segmentos, reforçando a fala de um deles, para quem *"é urgente que a biblioteca estabeleça interação: com os professores-pesquisadores, através de informativos, comunicações, reuniões etc."*. Até porque, se para um outro entrevistado, bibliotecários e auxiliares *"... são as pessoas mais credenciadas no manejo das informações"*, ou seja, são decisivos na difusão dos conhecimentos, Witter (apud Giacometti, 1990, p. 12) critica a formação do bibliotecário, que não traz *"qualquer indício de preocupação com a conscientização do bibliotecário quanto às variáveis que determinam seu próprio comportamento e dos usuários ..."*.

Considerando que a concepção das bibliotecas está vinculada ao ponto de vista do seu público em potencial, para quem tais órgãos não são, apenas, instalações, coleções e estrutura organizacional, mas, acima de tudo, informações, serviços e produtos disponíveis (Clair, 1989), é oportuno conhecer a classificação das bibliotecas do SIBI, pelo corpo docente da UFPI (QUADRO 2). Há posicionamentos opostos. Para uns, falta vontade política das autoridades constituídas para *"melhoria das nossas paupérrimas, miseráveis, infames bibliotecas..."*. Outros estão *"...na expectativa dos avanços tecnológicos, em especial, sua definitiva informatização e interligação com as redes de informação, ora em final de processamento"*.

Diante da diversidade das áreas de atuação, muitos opinam sobre uma ou duas bibliotecas, por desconhecerem as outras. Observa-se, ainda, que as posições extremas - **excelente, ótimo, ruim e péssimo** - ganham número pouco expressivo de pontos em comparação com os conceitos - **bom e regular**, com a prevalência deste último para todas as itens, exceto *"pessoal"*. Acrescida à incipiência dos *colégios invisíveis*, à frágil participação em sociedades científicas, à carência de *key persons*, a força do conceito *regular* parece reiterar o *faz-de-conta* das IES de pequeno porte como academias do saber.

## 7. INTEGRAÇÃO ENTRE ENSINO E USO DE BIBLIOTECAS

Estudando a integração entre ensino e uso de bibliotecas, sob o prisma dos **procedimentos sistemáticos para elaboração das bibliografias constantes dos programas de cursos**, em

QUADRO 2 - Classificação das Bibliotecas da UFPI

ELEMENTOS	BIBLIOTECAS	CONCEITOS						
		EXCELENTE	ÓTIMO	BOM	REGULAR	RUIM	PÉSSIMO	
ACERVO	BIBLIOTECA CENTRAL	[ 2 ]	[ 1 ]	[ 19 ]	[ 65 ]	[ 38 ]	[ 8 ]	
	BIBLIOTECA DO CCA	[ ]	[ ]	[ 3 ]	[ 14 ]	[ 7 ]	[ 1 ]	
	BIBLIOTECA DO CCE	[ ]	[ ]	[ 10 ]	[ 23 ]	[ 3 ]	[ 2 ]	
	BIBLIOTECA DO CCHL	[ ]	[ ]	[ 10 ]	[ 22 ]	[ 20 ]	[ 12 ]	
	BIBLIOTECA DO CCS	[ 1 ]	[ ]	[ 5 ]	[ 25 ]	[ 9 ]	[ 2 ]	
EQUIPAMENTOS	BIBLIOTECA CENTRAL	[ ]	[ 4 ]	[ 32 ]	[ 56 ]	[ 28 ]	[ 4 ]	
	BIBLIOTECA DO CCA	[ ]	[ ]	[ 5 ]	[ 12 ]	[ 7 ]	[ 2 ]	
	BIBLIOTECA DO CCE	[ ]	[ 1 ]	[ 7 ]	[ 17 ]	[ 4 ]	[ 3 ]	
	BIBLIOTECA DO CCHL	[ ]	[ ]	[ 7 ]	[ 23 ]	[ 19 ]	[ 11 ]	
	BIBLIOTECA DO CCS	[ ]	[ 1 ]	[ 5 ]	[ 19 ]	[ 11 ]	[ 2 ]	
ATENDIMENTO/SERVIÇOS	BIBLIOTECA CENTRAL	[ 3 ]	[ 22 ]	[ 49 ]	[ 50 ]	[ 8 ]	[ 1 ]	
	BIBLIOTECA DO CCA	[ ]	[ 6 ]	[ 10 ]	[ 10 ]	[ 1 ]	[ ]	
	BIBLIOTECA DO CCE	[ ]	[ 8 ]	[ 17 ]	[ 8 ]	[ 3 ]	[ ]	
	BIBLIOTECA DO CCHL	[ 2 ]	[ 9 ]	[ 18 ]	[ 28 ]	[ 5 ]	[ 4 ]	
	BIBLIOTECA DO CCS	[ 1 ]	[ 7 ]	[ 13 ]	[ 15 ]	[ 3 ]	[ 2 ]	
PESSOAL	BIBLIOTECA CENTRAL	[ 8 ]	[ 17 ]	[ 58 ]	[ 36 ]	[ 9 ]	[ 1 ]	
	BIBLIOTECA DO CCA	[ 1 ]	[ 4 ]	[ 14 ]	[ 7 ]	[ 1 ]	[ ]	
	BIBLIOTECA DO CCE	[ 1 ]	[ 4 ]	[ 21 ]	[ 6 ]	[ 1 ]	[ ]	
	BIBLIOTECA DO CCHL	[ 2 ]	[ 4 ]	[ 22 ]	[ 21 ]	[ 10 ]	[ 3 ]	
	BIBLIOTECA DO CCS	[ 2 ]	[ 6 ]	[ 17 ]	[ 10 ]	[ ]	[ 3 ]	
INSTALAÇÕES	BIBLIOTECA CENTRAL	[ 3 ]	[ 5 ]	[ 33 ]	[ 62 ]	[ 26 ]	[ 5 ]	
	BIBLIOTECA DO CCA	[ ]	[ ]	[ 8 ]	[ 11 ]	[ 8 ]	[ 1 ]	
	BIBLIOTECA DO CCE	[ ]	[ 1 ]	[ 6 ]	[ 21 ]	[ 6 ]	[ 2 ]	
	BIBLIOTECA DO CCHL	[ ]	[ 3 ]	[ 12 ]	[ 30 ]	[ 11 ]	[ 6 ]	
	BIBLIOTECA DO CCS	[ ]	[ 1 ]	[ 6 ]	[ 25 ]	[ 7 ]	[ 2 ]	
ORGANIZAÇÃO	BIBLIOTECA CENTRAL	[ 6 ]	[ 6 ]	[ 59 ]	[ 49 ]	[ 13 ]	[ 2 ]	
	BIBLIOTECA DO CCA	[ 2 ]	[ ]	[ 10 ]	[ 11 ]	[ 4 ]	[ ]	
	BIBLIOTECA DO CCE	[ 1 ]	[ 3 ]	[ 16 ]	[ 15 ]	[ 1 ]	[ 1 ]	
	BIBLIOTECA DO CCHL	[ 1 ]	[ 3 ]	[ 10 ]	[ 24 ]	[ 20 ]	[ 6 ]	
	BIBLIOTECA DO CCS	[ 2 ]	[ 2 ]	[ 13 ]	[ 21 ]	[ 3 ]	[ ]	



concordância com os dados do **QUADRO 1**, o **livro** figura como o item de maior peso, com 26.1%. Continua na frente, sob a rubrica - **livro-texto**-, quando alcança 25.2%. A surpresa fica por conta do terceiro lugar atribuído a artigos de periódicos (18.7%), o que contraria o visto antes, quando detectou-se a utilização incipiente de publicações periódicas pelos docentes, com destaque para revistas gerais. Aqui, vale lembrar que os periódicos são os veículos mais fecundos na atualização profissional e formação permanente do indivíduo. Dissertações e teses aparecem com 9.4%; seguidas de apostilas (8.7%); trabalhos de congressos e similares (8.1%) e outros materiais (1.7%), como vídeos, atlas e partituras. O nível de abstenção sobre este tópico é de 2.1%.

Interrogados sobre a verificação ou não da existência das fontes constantes nas bibliografias destinadas ao alunado, nas bibliotecas do SIBI, o que é positivo, a maior parte dos professores respondeu *sim* (42%) e *às vezes* (38.5%). Justificam tal atitude, face à importância de repassar ao discente este tipo de informação; à facilidade de acesso a essas bibliotecas; à conveniência de indicar só o disponível na instituição, diante do alto preço de livros e revistas, incompatível com a situação socioeconômica do universitário; à necessidade de tomar providências extras, como fotocópia do material bibliográfico. A este respeito, é útil retomar o que Targino, Magalhães (1993) falam sobre a onda de *xeroquismo*, como fator de crescente horizontalização das leituras, o que conduz à perda de uma visão global do assunto e ao desinteresse por obras mais densas, essenciais à formação do indivíduo.

Por seu turno, 7.5% preferem não se manifestar e 12% confessam nunca consultar as bibliotecas para este fim, por causas diversas. O que é incrível, houve quem afirmasse se preocupar "*mais com o conteúdo programático*", como se este prescindisse de fundamentação teórica e quem delegasse ao discente tal encargo, exemplificando mais uma disfunção dentre os métodos e processos pedagógicos em vigor. Mas, os motivos mais comuns, sob a ótica desses docentes, foram a flagrante desatualização e limitação dos acervos; a falta de hábito; bibliotecas particulares melhores e a má conservação das obras.

Afinal, o que também é louvável, mesmo com 5% de omissão, 46% dos pesquisados fazem, **sistematicamente**, sugestões para aquisição do acervo das bibliotecas do SIBI, em contraposição a 22% que não o fazem e 27%, somente de vez em quando. Para o

primeiro grupo, é obrigação do professor-pesquisador participar do gerenciamento das bibliotecas e centros de documentação das entidades a que "*pertence*", para dinamizar coleções e serviços, e, portanto, aperfeiçoar o nível da comunicação formal e informal. Para o outro grupo, aquele que não sugere itens de compra às bibliotecas, o não-atendimento às reivindicações anteriores é a principal causa de sua atitude, e, para dois deles, a formação do acervo é responsabilidade exclusiva dos bibliotecários, a quem "*compete o papel de vanguarda, de busca*". Esquecem, pois, que é competência do docente universitário determinar conteúdos e a literatura pertinente que propicia discussões e aprofundamento.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, em meio à transição estrutural da economia mundial e nacional, a formação do capital humano assume crescente importância no processo de desenvolvimento das nações, para a qual o professor, universitário ou não, é "*carro-chefe*", visto que apenas os países que priorizaram e priorizam o ensino, a investigação científica e tecnológica, conseguem manter boa qualidade de vida para a população. Assim sendo, a comprovação, com base nos dados coletados e discutidos, de que os **docentes da UFPI, em termos gerais, não valorizam a comunicação informal e a interdisciplinaridade**, tanto em termos de hábitos de obtenção de informação e de uso de bibliotecas, em suas variáveis diversificadas, é preocupante.

Isto porque relega a educação continuada, a qual, consensualmente, é a estratégia de maior eficiência para amenizar a obsolescência profissional, de que trata Conway (1993). Como decorrência, compromete a qualidade do ensino e da pesquisa, haja vista que o processamento e utilização da informação constituem a essência de quaisquer atividades científicas e tecnológicas, as quais consomem, transformam, produzem e permutam conhecimentos, com vistas, sempre, ao processo global de desenvolvimento das nações.

Assim, o o professor universitário piauiense, ainda que jovem, com experiência de magistério, Dedicção Exclusiva, dá prioridade à sala de aula, e, em qualquer circunstância, para seu uso

ou dos alunos, aos livros e periódicos nacionais, estes, quase sempre, de cunho generalista. Relega as sociedades científicas. Desconhece *líderes*, despreza influências e refuta os *colégios invisíveis*. Frequenta pouco as bibliotecas e quando o faz, seu interesse está mais restrito a consultas e empréstimos de obras, sem que expresse sua crença no bibliotecário como especialista e diretor do "tráfego" para auxiliar o pesquisador a navegar não só em meio da informação eletrônica, mas dentre os recursos diversificados que transformam bibliotecas em instituições sociais de longo alcance.

### 9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHEIDE, D. L. The culture of information. **Journal of Education for Library and Information Science**, [S.1.], v. 31, n. 2, p. 113-121, 1990.
- ARAÚJO, V. M. R. H. de. Estudo de canais informais de comunicação técnica: seu papel na transferência de tecnologia e na inovação tecnológica. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 79-100, 1979.
- CONWAY, P. Effective continuing education for training the archivist. **Journal of Education for Library and Information Science**, [S. 1.], v. 34, n. 1, p. 3847, 1993.
- CHRISTOVÃO, H. T. Da comunicação informal à comunicação formal; identificação da frente de pesquisa através de filtros de qualidade. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 3-36, 1979.
- CLAIR, G. S. Interpersonal networking: it is who you know. **Special Libraries**, [S.1.], v. 80, n. 2, p. 107-112, 1989.
- ELLIS, D. et al. A comparison of the information seeking patterns of researchers in the physical and social sciences. **Journal of Documentation**, London, v. 49, n. 4, p. 356-369, 1993.
- FAURÉ, G. et al. Education à l'information scientifique et technique on éducation à la recherche. **Cahiers de la Documentation**, Bruxelles, v. 46, n. 2, p. 84-87, 1992.
- GIACOMETTI, M. M. Motivação e busca da informação pelo docente-pesquisador. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 19, n. 1, p. 12-20, jan./jun. 1990.

- GRACY II, D. B. The role of faculty in professional associations: the Society of American Archivists. **Journal of Education for Library and Information Science**, [S.1.], v. 29, n. 2, 108-112, 1988.
- GUSMÃO, H. R. Processo de comunicação informal entre os docentes do Departamento de Documentação da Universidade Federal Fluminense. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, Recife - PE, 1987. **Anais...** Recife: 1987. p. 832-848.
- HOYOS, L. E. A. **Características do processo de comunicação científica entre pesquisadores agrícolas brasileiros**. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2., Rio de Janeiro - RJ, 1979. Rio de Janeiro: 1979. 54f. Mimeo.
- \_\_\_\_\_ **Colégios invisíveis; uma alternativa para o problema de informação técnico-científica**. Brasília: EMBRAPA, 1980. 16f. Mimeo.
- KREMER, J. M. Avaliação de fontes de informação usadas por engenheiros. **Rev. de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v.10, n. 2, p. 65-78, jul./dez. 1982.
- LYON, W. S. Scientometrics with some emphasis on communication at scientific meetings and through the "invisible college". **Journal of Chemical Information and Computer Sciences**, [S.1.], v. 26, n. 2, p. 47-52, 1986.
- MOSTAFA, S. P., MARANON, E. I. M. Os intelectuais e sua produtividade. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 22, n. 1, p. 22-29, jan./abr. 1993.
- PALMER, J. Scientists and information: I. using cluster analysis to identify information style. **Journal of Documentation**, London, v. 47, n. 2, p. 105-129, 1991a.
- \_\_\_\_\_ ; \_\_\_\_\_ II. personal factors information behaviour. **Journal of Documentation**, London, v. 47, n. 3, p. 254-275, 1991b.
- PARÉ, R. Une société à documenter: les acquis et les défis. **Documentation et Bibliothèques**, Montreal, v. 38, n. 3, p. 135-138, 1992.

- PRUTHI, S., NAGPAUL, P. S. Communication patterns in small R & D projects. **R & D Management**, v. 8, n. 2, p. 53-57, 1978.
- SRIDHAR, M. S. A sociometric analysis of informal communication among Indian satellite technologists. **Library Science with a Slanto Documentation**, v. 25, n. 2, p. 78-111, - June 1988.
- TARGINO, M. das G., MAGALHÃES, L. **Projetos Experimentais no ensino de Comunicação**. Teresina: 1993.

## AGRADECIMENTOS

Aos ALUNOS DA DISCIPLINA "ESTUDO ORIENTADO DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO", 1º semestre letivo 1994, pela coleta dos dados.

## ABSTRACT

### INFORMAL COMMUNICATION AMONG THE PROFESSORS OF THE FEDERAL UNIVERSITY OF PIAUÍ

Given the role of the university professor in the generation and dissemination of scientific and technological information, this study analyzes the process of informal communication among the professors of the "Federal University of Piauí". This is due to the expectation that the overwhelming majority of these professors prioritize their former process of formal education in detriment of their professional up-dating. In this way, the professors remain apart from the advances in their specific field of knowledge. So, what takes place is a worsening of teaching quality and consequently science and communication also end up suffering. The data were gathered in March 1994, through the use of questionnaires applied to 200 professors (20%) from various areas, in order to verify: information habits; evaluation of the interpersonal communication networks, including scientific associations and publications; the use of the libraries; procedures for elaboration of bibliographies for the students.

**Key-words:** Informal Communication. Scientific Communication.